

O MODO DE VIDA DE EVÁGORAS COMO GOVERNADOR IDEAL¹

EVAGORAS' WAY OF LIFE AS AN IDEAL RULER

Leonardo Gonçalves Fischer²

RESUMO: O *Evágoras* de Isócrates, discurso do gênero epidítico, classificado por seu próprio autor como um encômio em prosa, é uma importante experimentação biográfica anterior ao surgimento oficial do *bíos* grego. Nesse discurso, o orador elogia as qualidades morais e os grandes feitos de Evágoras, falecido soberano cipriota. Ao analisar a caracterização de Evágoras nesse discurso, o presente trabalho visa identificar de que maneira a retórica de Isócrates apresenta seu modo de vida como um exemplo a ser imitado.

Palavras-chave: Evágoras; modo de vida; retórica.

ABSTRACT: Isocrates' *Evagoras*, speech of the epideictic genre, classified by its own author as a prose encomium, is an important biographical experimentation before the Greek *bíos* was officially created. In this speech, the orator praises the moral qualities and great deeds of Evagoras, deceased Cyprian sovereign. By analyzing Evagoras' characterization in this speech, the present article tries to identify in which manner Isocrates' rhetoric portrays his way of life as an example to be imitated.

Keywords: Evagoras; Way of life; Rhetoric.

Composto por volta de 370-365 a.C., *Evagoras* é o último dos chamados discursos cipriotas escritos por Isócrates, depois de *Para Demônimo*, *Para Nícocles*, e *Nícocles*. Em *Para Nícocles*, Isócrates exorta o jovem soberano cipriota, que recém assumia o posto no governo; e *Nícocles* teria sido escrito presumivelmente para ser pronunciado pelo próprio Nícocles. Em *Evágoras*, por sua vez, o orador se dirige novamente a Nícocles para fazer um louvor ao seu pai, Evágoras, elogiando a grandeza moral e os feitos deste. No proêmio do discurso, Isócrates anuncia que está fazendo

¹ Trabalho apresentado no VII Simpósio Antigos e Modernos: "Modos de Vida", na Universidade Federal do Paraná, em dez. 2015.

² Graduando em Letras Português-Grego: Bacharelado em Estudos da Tradução.

um encômio em prosa à *areté* de um homem, feito inédito segundo o próprio orador (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 8)³. O contraste que Isócrates pretende criar aqui é com o encômio poético, gênero de poema tipicamente laudatório, representado por Píndaro e Baquilides. Anteriormente ao *Evagoras*, já existia pelo menos outro encômio em prosa, o *Encômio de Helena*, composto pelo sofista Górgias, de quem o próprio Isócrates teria sido discípulo⁴. Como é plausível admitir que Isócrates tenha tido conhecimento do encômio escrito por seu mestre, sua alegação de ineditismo pode ser interpretada não como uma inauguração da forma do encômio em prosa, mas como um uso inovador dessa forma de discurso para louvar um personagem contemporâneo.

Ainda na Antiguidade, uma *hypóthesis* do *Evagoras* de Isócrates, feita por um gramático anônimo, identifica na obra um caráter oscilante entre a oração fúnebre e o encômio: oração fúnebre por homenagear Evágoras depois de falecido, e encômio por suprimir as duas seções que seriam próprias da oração fúnebre — um lamento ao início, e uma consolação ao final⁵. Essas duas seções seriam substituídas por um terceiro proêmio e por uma seção exortativa, respectivamente. Por fim, o próprio gramático considera mais apta a classificação de “encômio”, conforme o próprio Isócrates já propusera.

Por fazer um relato dos feitos em vida do governante cipriota, *Evagoras* apresenta um evidente caráter biografizante e tem sido estudado em contraste com o *bíos* grego, que viria a surgir como gênero literário poucas décadas depois. As primeiras atestações conhecidas do *bíos* se dão com as obras de Aristóxeno, discípulo de Aristóteles, fato que levou Friedrich Leo (*apud* MOMIGLIANO, 1991, p. 35) a concluir que esse gênero teria surgido com os próprios peripatéticos, em meados do

³ Todas as obras de Isócrates mencionadas neste trabalho têm como referência o texto da edição de Mandilaras (2003), as numerações se referem às seções do próprio texto indicadas na edição.

⁴ Aristóteles, por sua vez, na Retórica (ARISTÓTELES, 2006, 1368a), atribui o ineditismo do encômio em prosa a um certo Hipóloco.

⁵ Cf. Mandilaras, 2003, p. 234.

século IV a.C. Contudo, estudiosos como Momigliano (1991), Camassa (1994) e Gallo (1995) defendem que já havia biografias em circulação no mundo grego desde pelo menos o começo do século V a.C., baseando-se em testemunhos de obras que se perderam.

Mesmo sob a hipótese de uma origem anterior da biografia grega, esses autores não consideram o *Evagoras* de Isócrates parte desse gênero. Momigliano (1991), por exemplo, argumenta que a descrição do caráter de Evágoras feita pelo orador é demasiado estática, e a narrativa não apresenta nenhum episódio anedótico sequer, o que o autor considera como um dos aspectos mais relevantes da narrativa biográfica. Camassa (1994) e Gallo (1995), por sua vez, simplesmente assumem a classificação de encômio oferecida pelo próprio Isócrates, o que bastaria para diferenciar a obra de uma biografia. De todo modo, em sua obra, o orador discorre sobre os principais eventos da vida de Evágoras como um todo e elenca as principais qualidades que compõem o caráter do estadista cipriota. Essa representação, por meio dos feitos e do caráter do protagonista, apresenta grandes afinidades com o discurso biográfico.

Mesmo algumas expressões presentes no texto o aproximam do terreno biográfico. Nesse sentido, constam as ocorrências do verbo *diateleîn*, com o sentido de “passar a vida”, em *Evagoras* 25, 43, 53, 70 e 71, além da ocorrência de *diatríbein*, com o sentido de “passar o tempo”, em 41. Além disso, tanto o início quanto o fim da vida de Evágoras estão textualmente indicados no discurso, com *gígnetai* (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 21), “nasceu”, marcando o nascimento; e *diabebíoken* (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 70), “viveu”, marcando sua morte. Apesar desses marcadores biográficos, ainda é evidente a intenção autoral de Isócrates de inserir seu discurso em um gênero laudatório, e não biográfico. As ocorrências do substantivo *bíos* ao longo da obra se dão apenas em sua acepção mais básica de “vida”. Referindo-se à sua própria obra, o orador anuncia no proêmio sua atividade como *enkomiázein* (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 8), “fazer um encômio”; e ao fim ele se refere a seu próprio discurso

como *tòn épainon tou̐ton* (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 73), “esse elogio”, ou seja, as ocorrências de palavras pertencentes ao campo semântico do elogio confirmam a intenção autoral. Cabe ainda notar que o objeto do elogio desenvolvido na obra não é a vida, mas a *areté* de Evágoras.

Um dos motivos que Isócrates apresenta em seu discurso para se elogiar os contemporâneos é a necessidade de fazer com que os jovens se tornem mais ambiciosos com relação à virtude, desejando serem mais louvados que aqueles cujos elogios eles ouvem (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 5). Assim, o elogiado serviria como um exemplo a ser seguido pelos demais para que esses se tornassem melhores, e o elogio seria um incentivo para que se emulassem as qualidades mencionadas. Conforme a tripartição dos gêneros da retórica proposta por Aristóteles (ARISTÓTELES, 2006, *Ret.* 1358b), a apresentação de uma pessoa a ser tomada como exemplo pode se enquadrar dentro do gênero epidítico. Dentro da retórica, o gênero epidítico ou demonstrativo se ocupa, sobretudo, da avaliação de virtudes e vícios, prestando-se ao louvor daquelas ou ao vitupério desses. Uma vez que a própria temática do *Evágoras* é o retrato da excelência do soberano cipriota, esse discurso pode ser entendido dentro desse gênero retórico.

Como Isócrates atuava como educador, é natural que ele expresse em seu discurso o propósito de se incitar os jovens à virtude por meio do exemplo. Para isso, a escolha de um estadista também não se dá por acaso, pois o ensino isocrático está fortemente vinculado à formação cívica e à preparação para a deliberação política. O caráter político e pragmático de seu ensino se evidencia, por exemplo, no proêmio de sua *Helena*, em que ele acusa as escolas e os pensadores adversários de se dedicarem a conjecturas insólitas e paradoxais (ISOCRATES, 2003, *Helena*, 1), insistindo na necessidade de se ocupar da busca da verdade e de se instruir os demais nas questões pelas quais se administra a *pólis* (ISOCRATES, 2003, *Helena*, 5). Nesse sentido, as

qualidades que Isócrates escolhe elogiar em um soberano podem apontar para as próprias concepções políticas que o orador defende e pretende ensinar.

As primeiras qualidades de Evágoras mencionadas por Isócrates são beleza, força e prudência (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 22), às quais se somam coragem, sabedoria e justiça, quando ele atinge a fase adulta (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 23). Todas essas características são consideradas pertencentes à natureza — *tèn phýsin* (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 24) de Evágoras. Nessa primeira caracterização, portanto, Isócrates estabelece as qualidades inatas ao soberano. Desde a ascendência de Evágoras, traçada pouco antes (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 12-20), o orador faz questão de inserir heróis míticos, como Teucro, Têlamon e Éaco, na linhagem do soberano, e seu nascimento é descrito como envolto por profecias e oráculos (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 21). Com tudo isso, o efeito obtido no discurso é de se ampliar a grandeza de Evágoras, e esses elementos, aliados às qualidades inatas que Isócrates aponta em sua caracterização, estabelecem uma imagem do soberano, que seria dotado de excelência por natureza.

Com essa caracterização, as primeiras qualidades elencadas por Isócrates ainda não se prestariam à emulação por serem inatas e não poderem ser obtidas por meio da educação. Cabe lembrar que as aptidões naturais constituem um dos três requisitos para o ensino retórico de Isócrates, segundo Poulakos (1997): *phýsis* (natureza), *paídeusis* (educação) e *empeiría* (experiência). Para Isócrates, apenas os indivíduos com aptidões naturais podem ser devidamente educados⁶, e a *areté*, que afinal de contas é o objeto do elogio em *Evagoras*, não pode ser ensinada⁷. Contudo, Isócrates também reconhece que apenas uma aptidão natural não basta para a formação individual. A natureza individual representa, para Isócrates, um elemento de sorte e

⁶ Cf. *Contra os Sofistas*, 15.

⁷ Em *Helena* 1, por exemplo, é aos seus adversários que Isócrates atribui a ideia de que a *areté* possa ser ensinada.

não é uma condição suficiente para garantir o desenvolvimento da habilidade deliberativa⁸.

Nesse sentido, após narrar a ascensão de Evágoras ao poder, o orador inicia a segunda caracterização afirmando que, apesar de sua excelente natureza, inteligência e capacidade de lidar bem com as coisas, o soberano não negligenciava nada nem agia de improviso, mas dedicava seu tempo à investigação, reflexão e deliberação (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 41). Assim, as qualidades naturais de um indivíduo não o isentam da necessidade de exercitar seu próprio pensamento, e a atitude deliberativa é apontada como a conduta adequada a um soberano. A ideia de que aos reis cabe exercitar a alma tal qual aos atletas cabe exercitar seu corpo já aparece em *Para Níocles* 12, em que Isócrates recomendava a Níocles que tentasse se distinguir dos demais por meio do treino de sua mente⁹. Em *Evagoras*, a relação que se estabelece é entre o bom preparo do pensamento e a boa manutenção do reinado. Segundo Isócrates, era o próprio Evágoras quem via que do melhor cuidado com as coisas advinham as menores perturbações, considerando como verdadeira comodidade não a ociosidade, mas a boa conduta e a perseverança (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 42), de modo que, dedicando-se a esses cuidados, ele não se precipitava nem nas situações cotidianas nem nos assuntos específicos (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 43).

Essa oposição entre questões cotidianas e específicas também é importante para o ensino de Isócrates. Isso diz respeito ao papel da experiência na educação isocrática, pois apenas nessa o intelecto poderia exercitar seu conhecimento para as coisas práticas. No treino com as situações reais se desenvolve o conhecimento prático que Isócrates considera de suma importância nas deliberações políticas. Com relação a tal aspecto da educação isocrática, Poulakos comenta:

⁸ Cf. *Antídosis*, 292.

⁹ A comparação entre os exercícios da alma e do corpo em Isócrates também se repete em *Panegírico*, 1-2.

(...) a experiência guia a habilidade dos agentes que deliberam para responderem às situações cognitivamente e passionalmente, intelectual e emocionalmente. Nas situações que exigem decisões políticas e éticas, a experiência proporciona uma inestimável fonte de compromissos sustentados ao longo dos anos tanto pela razão quanto pela emoção. (POULAKOS, 1997, p. 88, Tradução nossa)¹⁰.

Assim, para Isócrates, a experiência representa um treino deliberativo para a alma, tanto no aspecto emocional quanto racional, que visa torná-la mais apta às decisões para as questões políticas e éticas. O conhecimento das situações específicas também serviria para melhorar a capacidade de imaginar, de modo que, a partir da experiência, o sujeito seria mais apto a antever as situações em geral e preparar sua conduta. Ao apresentar Evágoras como capaz de lidar igualmente bem com as situações cotidianas e com os assuntos pontuais, sendo aquelas gerais e esses específicos, Isócrates faz do soberano cipriota o exemplo da realização de seu ideal de *paideía* política.

As caracterizações que são feitas em *Evagoras* 43-46 utilizam uma série de formulações simétricas em orações participiais, que dizem respeito a como o soberano conduzia seu governo. Nessas frases, por conta das antíteses artificiais e da variada assonância, o tradutor Van Hook (ISOCRATES, 1945, p. 29) reconhece a influência estilística de Górgias sobre o orador¹¹. Assim, Isócrates diz que Evágoras passava seu tempo “não sendo injusto para ninguém, mas honrando os bons, firmemente governando todos e castigando os detratores” (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 43), “não carecendo de conselhos, mas sempre se aconselhando com os amigos” (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 44), e assim por diante. O teor exortativo também se pode notar, em

¹⁰ No original: “(...) experience guides the deliberating agent’s ability to respond to situations cognitively and passionately, intellectually and emotionally. In situations requiring political and ethical choices, experience provides an invaluable resource of commitments sustained over the span of many years by reason and passion alike.” (POULAKOS, 1997, p. 88).

¹¹ O estilo de Górgias se caracteriza por fazer uso frequente de jogos de palavras e antíteses em sua prosa. Exemplo disso pode ser tomado em seu *Encômio de Helena*, 1 (DK 82B11): “*íse gàr hamartía kai amathía mémphesthaí te tà epainetá kai epaineîn tà mometá.*” “Pois é igualmente desacerto e desconhecimento repreender o louvável e louvar o repreensível.” (Tradução nossa). Aqui, além da antítese “repreender o louvável”/“louvar o repreensível”, há o jogo de palavras com “*hamartía*” e “*amathía*” (“desacerto”/“desconhecimento”).

Evagoras, ao anunciar essas qualidades do soberano como condutas a serem imitadas. Aristóteles, em sua *Retórica* (2006, 1367b37ss.), reconhece a semelhança entre o encômio e o conselho, bastando uma ligeira mudança na formulação da frase para se passar de um a outro, e em 1368a cita, inclusive, uma passagem de *Evagoras* 45 — “não se orgulhando dos acontecimentos resultantes do acaso, mas daqueles resultantes de sua própria ação” — como exemplo de um conselho transformado em elogio.

No fim dessas formulações, em *Evagoras* 46, Isócrates elenca as formas de governo que o soberano cipriota aproveitou de algum modo em sua administração. Assim, ele teria sido democrático no trato com o povo, estadista na administração da *pólis*, e militar no bom aconselhamento para os perigos. Ao final desse período, há uma divergência textual quanto ao último adjetivo com que Isócrates se refere a Evágoras, assim, a edição de Mandilaras (MANDILARAS, 2003, p. 246) estabelece o adjetivo *megalophrôn*, “magnânimo”, mas aponta a existência do adjetivo *tyrannikós*, “tirânico”, em outras fontes. Admitindo-se essa variante textual, o resultado seria um louvor de Isócrates à própria tirania, o que seria escandaloso para um ateniense que, à época, vivia em um regime democrático. Contudo, essa leitura também estaria perfeitamente de acordo com o restante da obra, pois Isócrates se refere em diversos momentos à condição de Evágoras como um *týrannos* (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 32, 34, 66 e 71). Jaeger (JAEGER, 1986, pp. 1115-6) comenta que era uma questão corrente no século IV a.C. o problema de como converter a tirania numa constituição mais suave e menos arbitrária. Nesse sentido, Isócrates tem o cuidado de louvar o caráter justo de Evágoras, afirmando, por exemplo, que ele nunca cometeu uma injustiça (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 43), e que ele zelava por uma coerência entre seus ditos e feitos (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 44), buscando dissociar sua conduta enquanto governante de qualquer arbitrariedade.

O governo de Evágoras é descrito também como responsável por um processo de helenização em Chipre. Segundo Isócrates, durante o governo dos bárbaros, a rudeza e a intratabilidade dos habitantes de Chipre estavam associadas à sua hostilidade para com os gregos (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 49), enquanto que, sob a administração de Evágoras, eles mudaram de atitude com relação aos gregos e aderiram ao modo de vida desses (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 50). O orador tenta relacionar essa adesão ao modo de vida grego com o progresso que a administração de Evágoras trouxe a Chipre. Essa aproximação entre o modo de vida grego e o progresso corresponde ao caráter civilizatório que Isócrates vê na cultura desse povo, em suas concepções pan-helênicas.

Isócrates se tornara conhecido no mundo grego por seus ideais pan-helênicos desde a publicação de seu Panegírico. Nesse discurso, Isócrates propõe uma união de todos os gregos sob uma liderança comum para empreenderem uma expedição contra os bárbaros, evitando assim a dispersão de suas forças em conflitos internos. O orador defende que a hegemonia dos gregos venha de Atenas, oferecendo como argumento os maiores favores culturais que a cidade teria prestado ao mundo grego. Por sua vez, em *Evagoras*, ele vê o governante cipriota como um posto avançado helênico frente ao império persa e, em seu discurso, ele inclusive faz questão de realçar os triunfos de Evágoras em seus enfrentamentos com os persas (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 57-65). Nas palavras de Jaeger:

É importante ver como na descrição da figura do príncipe de Chipre se infiltra o ideal pan-helênico da pedagogia política isocrática. Isócrates não encara esse príncipe como fenômeno isolado, mas sim como paladino da *areté* e da maneira de ser grega, no posto mais avançado em direção ao Oriente, em face da potência mundial asiática, a Pérsia. (JAEGER, 1986, p. 1114)

A figura de Evágoras se apresenta em grande medida como um modelo de conduta a ser imitado por conta de seu caráter justo e de sua prudência nas

deliberações administrativas, além disso, o soberano é visto como um agente promotor da cultura helênica frente aos bárbaros. Mas o propósito de Isócrates em seu discurso é não só fazer de Evágoras um modelo a ser imitado, mas também perpetuar a memória da grandeza do soberano e de seus feitos. A vida de Evágoras e suas realizações exercem profundo fascínio sobre Isócrates: ele admira a ascensão de Evágoras ao poder depois de ser exilado, considerando que nenhum homem, semideus ou imortal chegou ao poder tão belamente quanto ele (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 39), bem como admira a resistência de Evágoras, uma vez que lutou contra os persas durante dez anos e ao fim conseguiu reestabelecer a paz com esses preservando sua própria soberania (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 64). Isócrates compara a história de Evágoras com as narrativas mitológicas dos poetas, afirmando que suas realizações são superiores até aos feitos dos heróis de Troia (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 65).

Segundo Papillon, uma das vantagens que Isócrates reconhece na poesia é a capacidade de imortalizar os indivíduos de quem ela trata (PAPILLON, 1998, p. 45). Esse autor indica que Isócrates busca estabelecer um vínculo entre sua obra e a tradição poética, emulando procedimentos poéticos em seus discursos. O propósito emulativo com a poesia já se evidencia na comparação que Isócrates faz ao fim do proêmio de seu *Evagoras* (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 9-11) entre poetas e autores de prosa. Nesse trecho, o orador alega que a dificuldade de se compor em prosa é maior que a de se compor em poesia, uma vez que a poesia poderia recorrer aos efeitos encantatórios do metro e do canto, que não seriam possíveis de se obter por meio da prosa. Assim, Isócrates se coloca em posição de desvantagem em relação aos poetas como estratégia retórica para amplificar o valor de seu feito e angariar a simpatia do público. Ele também busca atribuir ao seu discurso a função que entrevê na poesia de imortalizar os indivíduos, ao propor que seu discurso, se narrar belamente as ações, pode tornar eterna a memória da *areté* de Evágoras para todos os homens (ISOCRATES, 2003, *Evagoras*, 4).

Tem-se então que Isócrates visa fornecer uma bela narrativa aos feitos de Evágoras como meio de eternizar sua memória. Isso, aliado à emulação da poesia, que Isócrates pratica em seus discursos, permite ver a intenção de realização artística que subsiste nas obras do orador. Haveria assim uma reciprocidade em que o discurso se oferece a tratar da vida do indivíduo enquanto essa se presta como matéria para a realização do próprio discurso. Nesse sentido, pode-se entender que Isócrates faça uso de uma matéria biográfica sem pretender lograr necessariamente uma forma biográfica, mas com a finalidade de emular o tradicional encômio poético.

Assim, um discurso sobre o modo de vida de um indivíduo pode se prestar a diversos fins, quer ao estabelecimento de um modelo de conduta a ser seguido, quer à preservação da memória do próprio indivíduo, quer à realização artística do próprio discurso, em que a vida se torna matéria narrativa. Em *Evagoras*, Isócrates busca cumprir todas essas finalidades, revelando suas facetas tanto de educador quanto de orador. As ambições artísticas de Isócrates não o fazem perder de vista o potencial educativo de se narrar a vida de alguém, e o caráter prático do orador é capaz de funcionalizar até mesmo a narrativa de um modo de vida para estabelecer um exemplo de seus próprios ideais políticos.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 3. ed. Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 2006.

CAMASSA, Giorgio. La Biografia. In CAMBIANO, Giuseppe; CANFORA, Luciano; LANZA, Diego (orgs). *Lo spazio letterario della Grecia Antica*. Volume I: La produzione e la circolazione del testo. Tomo III: I Greci e Roma. Roma, Salerno Editrice, 1994.

DIELS, Hermann; KRANZ, Walther. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Berlin-Neukölln: Weidmannsche, 1952.

GALLO, Italo. Nascita I sviluppo della biografia greca: Aspetti e Problemi. In GALLO, Italo; NICASTRI, Luciano. (orgs). *Biografia e autobiografia degli antichi i dei moderni*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1995.

ISOCRATES; MANDILARAS, Basilius G. (ed.). *Opera omnia*. 3 v. Munique; Leipzig: K. G. Saur Verlag GmbH, 2003.

ISÓCRATES. *Isocrates*. v. 3. Trad. para o inglês: Larue Van Hook. Cambridge Mass: Harvard University Press, 1945.

JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do Homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *La naissance de la Biographie em Grèce Ancienne*. Traduit de l'Anglais par Estelle Oudot. Strausbourg: Circé, 1991.

PAPILLON, Terry L.. "Isocrates and the Greek Poetic Tradition". In *Scholia: Studies in Classical Antiquity*, vol. 7. 1998, pp. 41-61.

POULAKOS, Takis. *Speaking for the polis: Isocrates' rhetorical education*. Columbia: University of South Carolina, 1997.

Submetido em: 04/03/2016

Aceito em: 28/03/2016